

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

**REALIDADE E FICÇÃO, VERDADE E MENTIRA,  
NA BUSCA DA IDENTIDADE,  
EM AQUELES CÃES MALDITOS DE ARQUELAU  
E NOVE NOITES**

*Regina Pentagna Petrillo (USS/FAA)*

O objetivo desta comunicação é abordar o romance brasileiro contemporâneo, através da apresentação de duas obras: uma de 1993, *Aqueles Cães Malditos de Arquelau*, de Isaias Pessotti, ganhadora do prêmio Jabuti de 1994; e outra, de 2002, *Nove Noites*, de Bernardo Carvalho que recebeu o prêmio Portugal Telecom 2003. Nestes dois livros uma identidade misteriosa desafia seus investigadores a descobri-la. Na abordagem da questão da identidade presente nas obras mostro como esta se entrelaça ao jogo realidade/ficção, verdade/mentira. Também busco apontar como, em cada uma das obras citadas, identidade, ficção e realidade, verdade e mentira se relacionam às ideias e ao contexto do mundo atual.

O livro *Nove Noites*, de Bernardo Carvalho enfoca fatos da vida do etnólogo americano Buell Quain que, em 1939, esteve no Brasil para pesquisar os índios krahô, na região do Tocantins. Nesse período, o jovem etnólogo suicidou-se, aos vinte sete anos, de modo perverso e misterioso. A esse fato real acoplasse a narrativa da busca pela explicação do mistério, empreendida sessenta e dois anos depois por um personagem-narrador. Os eventos de *Nove Noites* envolvem dados reais levantados pelo autor, após longas pesquisas, elementos autobiográficos, memória e ficção.

Em busca da recomposição da história de Quain, o narrador de *Nove noites*, em um estilo que oscila entre o jornalístico e o policial, levanta provas e evidências sobre o ocorrido. Através de uma série de recursos: conversas, pesquisas em arquivos, cartas e do contato com os índios Krahô, tenta esclare-

## LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

cer o trágico ocorrido. No entanto, pouco ou nada consegue saber diretamente dos índios, o que a narrativa já antecipara através de um duplo narrador. Este duplo narrador, logo no início do livro, afirma:

Isto é para quando alguém vier. É preciso estar preparado. Alguém terá de preveni-lo. Vai entrar numa terra em que a verdade e a mentira não têm mais os sentidos que o trouxeram aqui. Pergunte aos índios. Qualquer coisa. O que primeiro lhe passar pela cabeça. E, amanhã, ao acordar; faça de novo a mesma pergunta. E depois de amanhã mais uma vez. Sempre a mesma pergunta. E a cada dia receberá uma resposta diferente. A verdade está perdida entre todas as contradições e os disparates. Quando vier a procura do que o passado enterrou, é preciso saber que estará às portas de uma terra em que a memória não pode ser exumada, pois o segredo, sendo o único bem que se leva para o túmulo, é também uma herança que se deixa aos que ficam (...). (Carvalho, 2006, p. 6)

A advertência acima faz parte de uma das nove cartas deixadas pelo sertanista que teria na época convivido com Bu-el Quain. Essa outra voz narrativa também não é capaz de revelar a solução do mistério que envolve o crime.

O antropólogo francês Lévi-Strauss que esteve no Brasil na mesma época que Quain também aparece como personagem em *Nove noites*. A partir de suas pesquisas com os nativos, Lévi-Strauss expõe em sua obra *Triste Trópicos* uma perspectiva que, segundo ele, serviria para todas as culturas e sociedades. Nesta perspectiva, o antropólogo francês alia comunicação à desintegração:

Cada palavra trocada, cada linha impressa, estabelecem uma comunicação entre dois interlocutores, imobilizando um nível que antes se caracterizava por uma diferença de informação, logo, por uma organização maior. Mais do que “antropologia”, seria preciso escrever “entropologia” o nome de uma disciplina votada a estudar em suas mais altas manifestações esse processo de desintegração (Lévi-Strauss, 1957, p. 443)

A posição presente em *Tristes Trópicos* é completada e reforçada pela ficção quando em entrevista concedida ao autor,

muitos anos depois, o personagem Lévi-Strauss conclui em *Nove noites*:

Quanto mais as culturas se comunicam, mais elas tendem a se uniformizar, menos elas têm a comunicar. O problema para a humanidade é que haja comunicação suficiente entre as culturas, mas não excessiva. Quando eu estava no Brasil, há mais de cinquenta anos, fiquei profundamente emocionado, é claro, com o destino daquelas pequenas culturas ameaçadas de extinção. (Carvalho, 2006, p. 52)

Portanto, aproximando a posição dos índios de guardar segredo, como “a única herança que se deixa aos que ficam”, apresentada pelo narrador sertanejo no trecho já transcrito e a conclusão do antropólogo francês percebe-se um limite perigoso de ser transposto entre o que é segredo e o que não é, uma vez que o segredo garante a sobrevivência de uma cultura. Dessa forma, ao trazer para a narrativa a busca da elucidação de um mistério do passado, o narrador de *Nove noites* penetra num território minado e escorregadio em que a verdade escapa a cada instante.

Em *Nove Noites*, o apagamento das fronteiras entre realidade e ficção é radicalizado através de várias estratégias. Dentre as estratégias usadas para imprimir realidade à ficção está a ficcionalização da História. Nesta estratégia, o autor insere comentários que unem a visão do momento atual com o passado histórico:

Até ler o nome de Buel Quain pela primeira vez num artigo de jornal, na manhã de 12 de maio de 2001, um sábado, quase sessenta anos e dois anos depois da sua morte às vésperas da Segunda Guerra. O artigo saiu meses antes de outra guerra ser deflagrada. Hoje as guerras parecem mais pontuais, quando no fundo são permanentes. (Carvalho, 2006, p. 13)

Ou envolve eventos reais na problematização da narrativa. É o caso do Onze de Setembro que no livro surge como empecilho para o decorrer da pesquisa empreendida pelo narrador:

## LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

Trocamos alguns e-mails e já tínhamos chegado mais ou menos a um acordo (...) quando dois aviões de passageiros., diante dos olhos atônitos de todo o planeta, atingiram e derrubaram duas torres do World Trade Center. Os jornais diziam que o mundo jamais seria o mesmo (...). Ainda tentei um último contato com a produtora de TV, inutilmente. Para completar, a rede em que trabalhava foi a primeira grande cadeia de mídia a receber uma carta contaminada, aberta justamente por uma produtora, cuja identidade não foi revelada e que agora estava em tratamento (Carvalho, 2006, p. 154-155)

Em *Nove noites*, a ficcionalização da história apenas contribui para a pulverização do conhecimento e a verdade acerca do mistério sobre o suicídio de Quain acaba por não ser solucionado.

E, ao procurar traços da identidade do etnólogo americano, Bernardo Carvalho insere a própria intimidade nos mecanismos da criação literária, relacionando, por exemplo, a morte do pai, vítima de rara doença no cérebro, com a possível deteriorização mental do etnólogo. Também neste aspecto a narrativa não propicia certeza, no máximo, oferece um possível perfil do etnólogo americano em que sobressai uma identidade perdida e confusa, em crise.

Na obra de Carvalho, a verdade é incompleta e movediça e o jogo de realidade e ficção acaba por tecer a impossibilidade linear da História e o próprio limite do narrar.

Também na obra de Isaias Pessotti, *Aqueles Cães Malditos de Arquelaú*, encontra-se um mistério a ser solucionado que mistura realidade e ficção. A história de Pessotti transcorre na Itália contemporânea, mais precisamente, em Milão da década de 1960. Lá, um grupo de pesquisadores do Instituto *Galilei* encontra antigos manuscritos em uma *villa* do Piemonte. Esta descoberta leva os pesquisadores à existência de uma figura misteriosa do século XV. Esse personagem intitulado “bispo vermelho” é autor de manuscritos inéditos. Por motivos

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

que mais à frente os pesquisadores desvendarão, essa figura misteriosa foi banida pela história oficial.

Como verdadeiros cães de caça (aqui a metáfora dos cães de caça passa a ser a própria representação simbólica dos pesquisadores) os pesquisadores irão aos poucos decifrando a história do prelado e outras que a ela se entrelaçam. Através de uma cuidadosa investigação que adquire o caráter de missão os pesquisadores visam a reconstruir um passado morto e a resgatar do esquecimento aqueles e aquilo que permaneceu à margem da história oficial. Se a história é feita de lacunas, de pontos obscuros, através de uma investigação criteriosa que lança mão de vários saberes eles descobrem, traduzem e trazem à luz os textos perdidos. Dessa forma, desmascaram o que fora banido, marginalizado pelo poder eclesiástico por ser considerado subversivo ou a contrapelo da ideologia oficial da Igreja da época.

No plano da narrativa, várias histórias serão espelhadas ou encaixadas *en abîme*. À trama ficcional, à história do “bispo vermelho”, cheia de fascínio e de mistério, entrelaça-se a figura real do dramaturgo grego Eurípides e de sua obra que aborda a força das paixões. Episódios da vida de Eurípides e situações de seus textos aparecem duplicados na história do Bispo Vermelho, o qual, à maneira das personagens trágicas do teatro grego, sucumbe derrotado por uma paixão ilícita pela cunhada. Também os personagens pesquisadores, Emílio e Anna vivem como o bispo uma infração amorosa: Ana, casada, mantém um romance secreto com Emílio. Semelhante duplicação ocorre, também, em relação ao fim trágico de algumas personagens. Assim como Eurípides, personagem real, foi morto pelos cães raivosos de Arquelau, também Lutércio (o “Bispo vermelho”) e Vitória (sua amante) sofrem igual morte. Os cães que mataram Eurípides, o Bispo e Vitória reaparecem, também, no plano da diegese atormentando Anna.

## LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

Neste conjunto de narrativas entrelaçadas, tem-se também uma cadeia de leitores-tradutores. Lutércio foi leitor e tradutor de textos gregos, especialmente dos de Eurípides e o narrador Emílio é quem traduz o *Commentarium*, obra do Bispo Vermelho sobre o dramaturgo grego Eurípides.

Nessa série de encaixes e espelhamento, em que o dado real se mescla ao ficcional, destaca-se o fato de que a história do dramaturgo grego Eurípides é o elo que possibilita o desvendamento do mistério acerca da existência do Bispo Vermelho. Assim como é o livro escrito pelo Bispo que dá a conhecer trechos das tragédias perdidas de Eurípides. Como se pode ver, nesta obra a realidade completa a ficção e a ficção a realidade. Além do que o espelhamento que envolve realidade e ficção expõe não apenas identidades banidas, mas as tramas do poder através de um novo espelhamento em que novamente participa a mescla real e ficcional. Assim como Eurípides exila-se na Macedônia, vítima das intrigas do poder de sua época, também Lutércio isola-se na *villa*, vítima do poder inquisitorial.

Em *Aqueles Cães Malditos de Arquelau*, a identidade de Lutécio seus conhecimentos e crenças foram apagados. Esse ocultamento se deu pelo fato de que o "bispo vermelho" possuía posições que contrariavam as regras impostas pelos poderes Eclesiásticos da época. Como se pode ver o livro de Pessotti sugere que a verdade é um emaranhado labiríntico que envolve intriga, usurpação, traição e poder, confirmando o que diz Bauman (1997, p. 143):

A disputa acerca da veracidade ou falsidade de determinadas crenças ou posições é sempre simultaneamente o debate acerca (...) do estabelecimento ou reafirmação das relações de superioridade e de inferioridade, de dominação e submissão, entre os detentores de crenças.

O livro de Pessotti, no entanto, levanta a sugestão de que a verdade se torna possível no confronto e na aproximação

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

entre pontos de vista diferente. Nesse sentido, a obra dialoga com outra colocação de Bauman que afirma:

(A verdade) adquire personalidade própria somente na situação de desacordo, quando diferentes pessoas se apegam a diferentes opiniões, e quando se torna objeto da disputa de quem está certo e quem está errado (...) (1997, p. 143).

Em *Aqueles Cães Malditos de Arquelau*, o jogo realidade de ficção logrou construir a existência de uma verdade banida e de uma mentira conveniente aos detentores do poder.

Nos dois livros - *Nove Noites* e *Aqueles Cães Malditos de Arquelau* – está presente o jogo de realidade ficção, verdade/mentira na busca de identidades perdidas. Mas, o movimento interno de cada uma das obras aponta para direções diferentes quanto ao enfoque das questões citadas, dialogando, assim, de modo diverso com o contexto e as ideias do mundo atual.

Na modernidade, assiste-se à erosão de princípios ou de conceitos totalizantes e de relatos legitimadores universais; os valores esvaem-se, as referências escasseiam-se.

Segundo Gianni Vattimo (1991, p. 19) não se pode compreender o conceito de história enquanto realização progressiva da humanidade, como entidade unitária em torno de um centro ordenador e totalizante que lhe dá um sentido. Na mesma linha, encontra-se Jean-François Lyotard que afirma que o abandono do conceito de história acarretou a crise da ideia moderna de progresso que fora geradora de um forte potencial utópico evidenciado e sedimentado pelas grandes narrativas legitimadoras da cultura ocidental: o Cristianismo, o Iluminismo, o Marxismo...

A relativização da ideia de progresso e de história (como superação, como encadeamento de acontecimentos no sentido da evolução dirigidos para um fim) trouxe consigo o descentramento do sujeito unitário e racional – o sujeito epistemológico ocidental (situado num eixo tido como único lugar pos-

## LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

sível para interpretar ou dar sentido à história de forma objetiva). As mudanças citadas que evidenciaram o caráter ilusório de qualquer ponto de vista supremo e de conceitos totalizantes se fizeram ao lado da emergência de uma sociedade da comunicação generalizada e de alterações como a crise do colonialismo e do imperialismo europeu.

Para Richard Rorty (*apud* Bauman, 1997, p. 148), a visão liberal-conservadora da história (implícita ou explícita, adotada e colocada em ação por todos os filósofos modernos, independentes de seu entusiasmo ou desesperança quanto a ela) encontrava-se amparada na descrição de História como marcha irrefreável do erro para a verdade e da insensatez e superstição para o império da razão. A afirmação de Rorty sugere a ligação da visão de História com a de verdade. Portanto, com a transformação da ideia de História, assiste-se também a erosão da ideia de verdade e com ela a de realidade.

Bauman (1997, p. 148) afirma que, hoje, os filósofos hoje lutam não tanto acerca da única e verdadeira (única *porque* verdadeira) teoria da verdade, mas acerca da verdadeira, e, por conseguinte, única, teoria das *verdades* (no plural) (...). O sociólogo explica que a verdade passa a ser plural, no sentido em que a preocupação deixa de ser sobre o modo correto de separar a verdade da inverdade para se pensar no modo correto de traduzir entre línguas distintas, cada uma gerando e sustentando suas próprias verdades.

Ao caráter plural da verdade, Bauman (1996, p. 147) acrescenta, ainda, a função da *controvérsia*. Diz ele que, se como ele acredita, a palavra verdade, em nossos usos, simboliza, em vez de uma relação entre o que é dito e determinada realidade não-verbal, uma determinada atitude que adotamos e, acima de tudo, desejamos ou esperamos que outros adotem, para com o que é dito ou acreditado, a verdade pertence à retórica do poder, e, sendo assim, a verdade não tem sentido a não ser no contexto da oposição.



Se o conceito de verdade foi abalado na contemporaneidade, o de realidade sofreu deslocamentos.

Mostra David Harvey (2005, p. 259) que na sociedade de mercado como é a de hoje, o consumo deve ser rápido e veloz, exigindo a manipulação das imagens. As imagens tornam-se mercadorias e, portanto, quanto melhor a réplica da imagem maior o seu poder de sedução e sua capacidade de venda. Criam-se, assim, simulacros<sup>24</sup> que se tornam indistinguíveis dos originais e, em muitos aspectos, até melhores. Esse fenômeno levou vários pensadores, sobretudo Jean Baudrillard, a considerar o papel do simulacro na sociedade contemporânea.

Baudrillard (1970, p. 168) afirma que para o habitante do mundo pós-moderno, os seres e as coisas surgem na modalidade de *simulacros*. Esclarece Baudrillard que a simulação não deve ser confundida com fingimento, este deixa intacto o princípio da realidade e a diferença é sempre clara, está apenas mascarada; ao passo que a simulação ameaça a diferença entre “verdadeiro” e “falso”.

No mundo contemporâneo, a realidade, foi de tal modo contaminada pelo simulacro que mais do que plural a realidade tornou-se ininteligível no sentido em que se é quase impossível separar o que é real e não real.

Por sua vez, as mídias e as redes informáticas confrontam-nos com a fragmentação, a velocidade e um volume de fatos e de imagens que nos afastam da órbita referencial das coisas. Mergulhados no puro jogo da diferença, estamos para além do bem e do mal, do verdadeiro e do falso, da realidade e da ilusão, numa instabilidade que atinge até categorias antropológicas que pareciam estáveis (macho/fêmea, razão/mito) ou

---

<sup>24</sup> Por simulacro designa-se um estado de réplica tão próxima do original que a diferença entre o original e a cópia é quase impossível de ser percebida. (Cf. Harvey, 2005, p. 261).

## LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

polaridades elementares (afirmação/negação, sujeito/objeto): deslocamo-nos fora do reino limitador da referencialidade, na incerteza radical, em pleno simulacro - nos termos de Baudrillard.

As duas narrativas apresentadas retomam aquisições filosóficas, teóricas, históricas, investindo, também, num diálogo com algumas formas dominantes no mercado de comunicação de massa, como o jornalismo e o romance policial.

Nos romances tardios, em geral, uma questão instiga seus autores: a trama das subjetividades e das identidades.

Os romances de Pessotti e de Carvalho enfocam a dissolução de identidades e a sua não fixidez, perfazendo um conjunto de vozes heterogêneas que compõem um painel de imagens nas quais a representação da identidade ou a busca da representação da identidade se constrói ligada ao jogo de realidade e ficção.

Apesar dos pontos de contato, os livros analisados apresentam diferenças que dialogam de modo diverso com o contexto atual.

No universo instável do mundo contemporâneo, em que a própria realidade é arremedo, embora faça o máximo para encobrir os sinais do ocultamento, em que a possibilidade de verdade, a valorização do indivíduo e de seus projetos de missão e construção do mundo ruiu, tem-se o esvaziamento das utopias, do sentido de História e do próprio conhecimento. Diante deste universo, *Aqueles Cães Malditos de Arquelau* responde mostrando que as frentes de batalha ou de oposição têm de ser retraçadas. A obra torna explícito um projeto, em que, através do jogo de realidade e ficção, o narrador preenche as lacunas da história, resgatando do esquecimento aqueles e aquilo que foi deixado à margem dos acontecimentos. Deste modo, dá a obra um caráter utópico de crença no futuro e em uma possível verdade, abrindo, assim, a possibilidade da história. Nesse sentido, dialoga com a posição de Bauman que diz:

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Tal como antes é destino das artes opor-se a realidade e, por meio dessa oposição, compensar a vida do que lhe foi despojado pela realidade e, assim, indiretamente, tornar a realidade suportável protegendo-a contra as consequências de sua cegueira auto-infligida (1997, p. 158).

Já no livro de Bernardo Carvalho a mescla de realidade e ficção é estruturada de modo a impossibilitar a verdade. Focalizando a crise de sentido, o texto aponta para a inexistência de um centro atingível no âmago das coisas. Desse modo, o seu narrador - tal como apontado por Lúcia Helena (2006, p. 208) na análise que faz de *Em Liberdade*, de Silviano Santiago e *Jardim Brasil: conto*, de Ronaldo Lima Lins - é obrigado a enfrentar o travo amargo da existência, tolerando o silêncio e a dúvida em que esbarram as suas cogitações, como se as novas formas de representação da identidade frutificassem do ato de compreender a "junção secreta entre o vivo e o silencioso".  
Completa Lúcia Helena:

Perdido o fio da parte com o todo e a via de acesso à totalidade, seus personagens não podem ver tudo, nem o todo. Colhidos entre a vontade e o involuntário, espiam e espreitam o detalhe de uma totalidade inalcançável. (2006, p. 212).

Na junção de realidade, imaginação e memória, o narrador de *Nove Noites* mergulha em uma escrita móvel em que a história se movimenta, não como linearidade progressiva, mas como círculo que devora a si mesmo.

Fazendo do passado um emaranhado que escapa ao presente, a obra impossibilita o futuro. Dessa forma, promove uma crítica à História como um projeto utópico, linear e previsível.

## LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacro e simulação*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Lisboa: Relógio D'água, 1970.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997

CARVALHO, Bernardo. *Nove noites*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2005.

HELENA, Lúcia. *A solidão tropical – o Brasil de Alencar e da modernidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

LYOTARD, Jean. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

PESSOTTI, Isaias. *Aqueles cães malditos de Arquelau*. São Paulo: Editora 34, 1993.

VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Lisboa: Edições 70, 1991.